

A posição do sujeito no laço totalitário do capitalismo contemporâneo¹

RAUL ALBINO PACHECO FILHO

A constituição do sujeito e seu ingresso no simbólico, na linguagem e na cultura, 'cobram o preço' da cisão/alienação originárias, que se redobram a cada vez que ele fala. A entrada do sujeito em todo e qualquer laço social implica sempre essa alienação originária e constitutiva, que é da ordem da estrutura e não da contingência: poderíamos dizê-la 'trans-histórica'. Na esperança de assim estarem servindo a uma instância absoluta e sem falhas, potente a ponto de lhes assegurar escapar aos sofrimentos ordinários da vida humana, os sujeitos inventam um Outro/Pai Absoluto que lhes permita sustentar o ideal impossível de um gozo absoluto e ilimitado; mas que, ao mesmo tempo, os proteja contra essa mesma possibilidade de gozo. Iludidos de que estão juntos na mesma fantasia, e de que se remetem a um único e mesmo Outro absoluto e sem falhas, os sujeitos com estrutura neurótica entregam-se como instrumentos desse saber. E isto está na origem de inúmeras tragédias sociais: os totalitarismos de direita ou esquerda, os fundamentalismos religiosos, os genocídios e massacres racistas ou xenófobos e assim por diante.

Disparado o processo, ele prossegue na direção de uma alienação total do sujeito, em um movimento de progressiva redução da participação de sua singularidade, nas ações em sociedade. Aqui vou me referir a isto como a 'inércia totalitária' do laço social. O Outro não existe, mas, mesmo assim, o sujeito deve sustentar sua pseudo-existência: mesmo que seja às custas da sua insatisfação ou impotência.

O objetivo deste trabalho é ressaltar a existência de um adicional de alienação específico ao laço social implicado pelo capitalismo, que está para além da alienação estrutural anteriormente mencionada; e que responde por uma aceleração exponencial da referida 'inércia totalitária', nessa forma histórica de sociedade. Consiste, portanto, em uma tentativa de contribuir para a crítica do capitalismo, a partir da consideração da questão do sujeito.

¹ Este artigo foi elaborado a partir da apresentação de mesmo nome, feita no V Encontro Internacional da IF-EPFCL "Os Tempos do Sujeito do Inconsciente - A Psicanálise no seu Tempo e o Tempo na Psicanálise", São Paulo, julho de 2008.

Ou seja, oferecer uma contribuição da Psicanálise para a interlocução com o pensamento e as teorias sobre a sociedade.

Em um de seus textos², Lacan diz que a “*integração vertical extremamente complexa e elevada da colaboração social*” exigida pelo sistema de produção capitalista conduz a um “*plano de assimilação cada vez mais horizontal*” dos ideais individuais dos sujeitos, que pode ser sucintamente expresso pela seguinte fórmula:

(...) numa civilização em que o ideal individualista foi alçado a um grau de afirmação até então desconhecido, os indivíduos descobrem-se tendendo para um estado em que pensam, sentem, fazem e amam exatamente as mesmas coisas nas mesmas horas, em porções do espaço estritamente equivalentes.³

Meu propósito é explorar este aspecto do laço social capitalista, esmiuçando as bases sobre as quais ele se assenta.

Entendo que uma crítica do capitalismo, que não se pretenda fundamentada em um ponto de vista meramente ‘moral’, não pode alegar uma pretensa ‘desumanização’ do sujeito pelo atrelamento do seu desejo à posse de mercadorias. Kojève nos lembra que o desejo propriamente humano, ‘antropogênico’, não busca um objeto real ‘positivo’, mas sim o desejo de um outro ser humano. O desejo por um objeto só é ‘humano’, se for mediatizado pelo desejo de um outro ser humano pelo mesmo objeto⁴. E, no que diz respeito a isto, ninguém poderia acusar o capitalismo de ‘desumanizar’ o sujeito. A criação da ‘forma-valor’, analisada por Marx em “*O Capital*”⁵, possibilita a padronização e universalização dos procedimentos de medida do valor das mercadorias, por meio do ‘valor-de-troca’. E isto viabiliza uma ampliação inusitada da referida mediação, pela articulação do desejo dos distintos sujeitos aos objetos-mercadorias.

Aqui é possível estabelecer a seguinte articulação relevante (poder-se-ia dizer homologia?) entre ‘*função paterna*’ e o processo de instituição social do ‘*valor-de-troca*’:

♦ Ainda que o significado do Desejo da Mãe seja um enigma para o sujeito, o Nome-do-Pai permite ‘significantiá-lo’, criando a significação fálica e possibilitando a circulação do falo⁶;

♦ Ainda que o significado último do valor do objeto seja um enigma para o sujeito, o ‘equivalente-geral’ (e sua forma mais

² Lacan, Jacques (1950/1998) *Introdução teórica às funções da Psicanálise em criminologia*.

³ *Ibid.*, p. 146.

⁴ Kojève, Alexandre (1939/2002) *À guisa de introdução*. In: Kojève, Alexandre. *Introdução à leitura de Hegel*, p.13.

⁵ Marx, Karl (1867/1984) *Das Kapital*, cap.1.

⁶ Refiro-me, obviamente, à fórmula da metáfora paterna apresentada por Lacan:

Nome-do-Pai Desejo da Mãe A

Desejo da Mãe x Nome-do-Pai Falo

Veja-se Lacan, Jacques (1957-1958/1998). *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*, p. 563.

bem acabada, o dinheiro) permite 'significantzá-lo, criando o valor-de-troca e possibilitando a circulação de mercadorias⁷.

Isto não significa que apenas desejos (por objetos) mediatizados pelo 'valor-de-troca' sejam humanos. Os desejos por objetos em culturas não capitalistas também são mediatizados pelos desejos de outrem. Isso vale, por exemplo, para o desejo por um bom arco, entre os índios de uma tribo; ou para o desejo por uma boa espada ou armadura, entre cavaleiros da época medieval. Até mesmo o que relaciona os seres humanos ao seu alimento é desejo humano, na medida em que, já se disse, comemos signos. Lévi-Strauss não mostrou algo desta ordem, em "O cru e o cozido"⁸?

Porém, por meio do valor-de-troca, a cultura capitalista criou um poderoso e inédito instrumento de articulação, fixação e padronização da 'desejabilidade' pelos objetos do mundo: talvez pudéssemos nos referir a isto como a fixação/padronização/homogeneização do 'valor-desejo' de um objeto, para todos os membros do corpo social.

Este me parece um ponto fundamental para se analisar as conseqüências de uma cultura – a cultura capitalista, que conseguiu um modo de fixar/estabilizar/ancorar um mesmo 'quantum' de 'valor-desejo' de todos os membros de um corpo social para cada um dos objetos do mundo. A análise marxiana aborda aspectos importantes a respeito do processo de instituição social do valor-de-troca: os aspectos econômicos e políticos, que dizem respeito às relações de produção, valor-trabalho, mais-valia, meios de produção, produtividade, trabalho necessário, trabalho excedente, contradições e conflitos de classe, capital e assim por diante. Mas eu acredito que ainda existe algo importante por analisar, em um âmbito em que a Psicanálise pode e deve trazer suas contribuições: exatamente no que se relaciona com esse 'valor-desejo' pelos objetos, que o capitalismo conseguiu administrar. Parece-me fora de dúvida que Lacan apontou na direção da relevância desse tema, por exemplo, ao subsumir a mais-valia ao mais-de-gozar:

(...) se não houvesse fundado o capitalismo, Marx teria se dado conta de que a mais-valia é o mais-de-gozar. Tudo isto não impede, é claro, que por ele o capitalismo tenha sido fundado e que a função da mais-valia seja

7 representação geral valor de troca representação geral
valor de troca

⁸ Lévi-Strauss, Claude (1991 [1964]) *O Cru e o Cozido*. São Paulo, Brasiliense.

muito pertinentemente designada em suas conseqüências devastadoras.⁹

⁹ Lacan, Jacques, (1969-1970/1992) *O seminário, Livro 17: O avesso da Psicanálise*, p.100-101.

O mesmo parece ser indicado quando ele aponta que o capitalismo talvez tenha produzido um ponto crítico de ruptura, ao articular o sujeito ao 'objeto causa do desejo'. Também isto, me parece, tem a ver com o mencionado efeito produzido pela articulação de um objeto ao equivalente-geral: o efeito de socialização do 'valor-desejo' por esse objeto, por meio do equivalente-geral. Aliás, Marx propôs que a passagem à *forma-valor-geral* constituiu um salto qualitativo, pois se dissolveu na totalidade social a antiga relação em que o *valor-de-uso* ainda predominava sobre o *valor-de-troca*.

Proponho que a saída de um mundo de valores-de-uso, para um mundo de valores-de-troca, apresenta uma homologia com o processo de compartilhamento significativo, que é possibilitado pela instituição de uma língua. Uma língua cria as 'amarracões' de significações operadas pelos signos, viabilizando a comunicação e a cultura humana (respeitada, é óbvio, a prevalência do significativo, no que diz respeito à emergência do sujeito do inconsciente). E algo como um 'valor-desejo' pelos objetos pode ser significantizado pelo equivalente-geral, em processo que guarda relação de homologia com aquele pelo qual o 'Desejo da Mãe' pode ser significantizado pelo 'Nome-do-Pai'. Portanto, não me parece absurdo chamar a atenção para uma conexão entre:

• A função do Nome-do-Pai, que, ao ser incluída no lugar do Outro, funciona como ponto-de-basta e possibilita que o sujeito confira significação aos seus significantes;

• E o que seria uma '*função equivalente-geral*', que, ao ser estabelecida no seio da sociedade, introduz algum tipo de homogeneização/ padronização da relação dos sujeitos com os objetos do mundo, por meio da criação de algo da natureza de um 'valor-desejo'.

A linguagem possibilita um certo compartilhamento parcial dos objetos do mundo e uma certa unificação das ações a eles dirigidas, mas com uma 'perda' – registrada pela extração do 'objeto a', em função daquilo a que o simbólico não pode dar conta –, produzida pela equivocidade significativa. Equivocidade significativa que, de algum modo, responde pela singularidade na relação desejanste do sujeito com o mundo. Proponho a seguinte questão: não seria, a *função equivalente-geral*, responsável pela produção de

uma limitação sem precedentes na margem de singularidade da relação do sujeito com o mundo? Limitação produzida pelo fato dela capturar algo da ordem de um 'valor-desejo' pelos objetos, em suas malhas? Não foi isso, aliás, que possibilitou o desenvolvimento de tecnologias sociais de administração do desejo, como é o caso da publicidade e do marketing? Cito Lacan:

Aqui, na encruzilhada, enunciamos que o que a psicanálise nos permite conceber nada mais é do que isto, que está na via aberta pelo marxismo – a saber, que o discurso está ligado aos interesses do sujeito. É o que na ocasião Marx chamou de economia, porque esses interesses são, na sociedade capitalista, inteiramente mercantis. Só que, sendo a mercadoria ligada ao significante-mestre, nada adianta denunciá-lo assim.¹⁰

¹⁰ *Ibid.*, p.86.

Unidos pelo compartilhamento do ideal de consumo, não me parece que os sujeitos do capitalismo estejam imersos em um narcisismo metapsicológico *'stricto sensu'*, como certas análises parecem pretender. Neles, o que mais me assusta é a disposição para se entregarem à *'inércia totalitária'* do *'discurso do capitalista'*. Se existe possibilidade de se produzir abalos na ilusão dos sujeitos, de que estão juntos na mesma fantasia e se remetem a um único e mesmo Outro, isso depende de que percebam as contradições entre as diferentes formas de relação com o mundo, que decorrem das distintas concepções que eles (os diferentes sujeitos) têm a respeito do mundo. Porém, como é possível questionar-se a convicção de que todos compartilhamos a única e mesma *'realidade'*, se, como mencionado anteriormente, Lacan nos lembra que estamos na sociedade em que todos *"pensam, sentem, fazem e amam exatamente as mesmas coisas"*, nas mesmas horas e lugares?

Disparada por uma padronização sem precedentes históricos dos *'valores-desejo'* pelos objetos do mundo, lança-se às alturas a disponibilidade para entrega à alienação produzida pela fantasia coletiva de referência a um único e mesmo Outro Absoluto. É este, assim o entendo, o perigo maior desta forma de estruturação da sociedade: a *'inércia totalitária'* do *laço social capitalista*. Perigo tão maior quanto mais o próprio sujeito deixe de representar também um *'ênigma'*, para tornar-se, igualmente,

apenas um objeto com 'valor-desejo' quantificado e padronizado: uma mercadoria (seu trabalho), com valor socialmente definido pela medida do equivalente-geral. Cito Marx:

[No modo capitalista de produção] o próprio operário somente aparece como vendedor de mercadorias (...) Os principais agentes deste modo de produção, o capitalista e o operário assalariado, não são, como tais, senão encarnações do capital e do trabalho assalariado, determinadas características sociais que o processo social de produção imprime nas pessoas, produtos destas relações determinadas de produção.¹¹

O sujeito do capitalismo ensaiou seus primeiros passos, na História, substituindo a obediência ao Pai da Igreja Católica pela obediência ao Pai da Reforma Protestante. Prosseguiu, ensaiando uma tentativa de libertação da alienação e submissão a qualquer Pai Absoluto, tentando posicionar-se como criador do seu próprio mundo, responsável pela sua Ciência e autor de sua própria história. Mas o fetichismo da mercadoria amarrou-o em suas malhas e desviou-o do percurso buscado, de responsabilidade pelo seu próprio destino. Fetichismo, este, operando nos dois sentidos, marxiano e freudiano, conforme a distinção proposta por Zizek: "(...) no marxismo, o fetiche oculta a rede positiva de relações sociais, ao passo que, em Freud, o fetiche oculta a falta ('castração') em torno da qual se articula a rede simbólica"¹².

Esquivar-se de se submeter a qualquer totalização positiva, sustentando o próprio desejo como norte, e assumindo as condições e conflitos inerentes ao laço social, talvez seja este o único modo pelo qual o ser humano possa retomar o progresso na História, na condição que é própria do seu 'ser':

(...) o próprio Ser desse Eu será devir, e a forma universal desse Ser não será espaço, mas tempo. Manter-se na existência significará, pois, para esse Eu: "não ser o que ele é (Ser estático e dado, Ser natural, caráter inato) e ser (isto é, devir) o que ele não é." Esse Eu será assim sua própria obra: ele será (no futuro) o que ele se tornou pela negação (no presente) do que ele foi (no passado), sendo essa negação efetuada em vista do que ele se tornará.¹³

¹¹ Marx, Karl (1894/1946-1947) *El capital*, v.III, cap. LI, p.1015-1017. Tradução encontrada em Ianni, Octavio (1992) Introdução. In: Ianni, Octavio (org.). *Marx - Sociologia*, p.8-9.

¹² Zizek, Slavoj (1989/1996) Como Marx inventou o sintoma? In: Zizek, Slavoj (org.) *Um mapa da ideologia*, p.327.

¹³ Kojève, Alexandre (1939/2002) À guisa de introdução. In: Kojève, Alexandre. *Introdução à leitura de Hegel*, p.12.

referências bibliográficas

- KOJÈVE, Alexandre (1939) À guisa de introdução. In: Kojève, Alexandre. *Introdução à leitura de Hegel*. Rio de Janeiro, Contraponto/EDUERJ, 2002, p.11-31.
- LACAN, Jacques (1969-1970) *O seminário, Livro 17: O avesso da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1992, p.100-101.
- LACAN, Jacques (1950) Introdução teórica às funções da Psicanálise em criminologia. In: Lacan, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p. 127-151.
- LACAN, Jacques (1957-1958). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: Lacan, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p. 537-590.
- LÉVI-STRAUSS, Claude (1964) *O Cru e o Cozido*. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- MARX, Karl (1894) *El capital*. México, Fondo de Cultura Económica, 1946-1947, v.III, cap.LI, p.1015-1017. Tradução encontrada em Ianni, Octavio (1992) Introdução. In: Ianni, Octavio (org.). *Marx – Sociologia*. 7.ed. São Paulo, Ática. p.5-42.
- MARX, Karl (1867) *Das Kapital*. Berlim, Dietz Verlag, 1984, cap.1 (Marx Engels Werke [MEW]. vol.23).
- ZIZEK, Slavoj (1989) Como Marx inventou o sintoma? In: Zizek, Slavoj (org.) *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1996, p.297-331.

RESUMO

A alienação originária e constitutiva do sujeito leva-o a oferecer-se como instrumento de um Outro (um Pai Onipotente), na esperança de escapar aos sofrimentos ordinários da vida humana. Isto constitui a disposição estrutural e 'trans-histórica' do laço social, presente em qualquer sociedade humana. O objetivo deste trabalho é ressaltar a existência de um adicional de alienação do laço social implicado pelo capitalismo, que responde por uma ampliação crescente e por um acréscimo progressivo da alienação do sujeito, nessa forma histórica específica de sociedade. Propõe-se uma articulação entre a 'metáfora paterna' formulada por Lacan e a instituição social do 'equivalente-geral', formulada por Marx, que permite estabelecer 'valores-de-troca' das mercadorias. Argumenta-se que isto possibilitou a fixação e padronização do que aqui se denominou 'valores-desejos' pelos objetos, tornando possível um ponto crítico nas transformações históricas, ao se articular o sujeito ao 'objeto causa do desejo' e se produzir um fortalecimento extraordinário do laço social capitalista (o 'discurso do capitalista') e de sua inércia totalitária.

palavras-chave

capitalismo, alienação, laço social, totalitarismo, mercadoria.

abstract

The original and constitutive alienation of the subject leads him to offer himself as an instrument of an Other (an Omnipotent Father), in hope of escaping from the ordinary sufferings of the human life. This constitutes the structural and 'trans-historical' disposition of the social bond, present in any human society. The aim of this work is to point out the existence of an additional of alienation in the social bond implied by capitalism, which answers for a growing enlargement and a progressive increase of the subject alienation, in this specific historical way of society. It proposes an articulation between the 'paternal metaphor' formulated by Lacan and the social institution of the 'general-equivalent', formulated by Marx, which permits to establish 'exchange-value' of goods. It argues that it allowed the fixation and standardization of what was designed here by 'desire-value' by objects, making possible a critical point in the historical transformations, when it articulates the subject to the 'object cause of the desire' and produce an extraordinary strengthening of the capitalistic social bond (the 'capitalist discourse') and its totalitarian inertia.

key words

capitalism, alienation, social bond,
totalitarianism, goods.

recebido

20/08/2008

aprovado

25/10/2008